

# Órfãos do Estado

**O** presidente da Firjan, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, tocou no nervo da questão ao afirmar que os empresários paulistas que investem contra a política monetária do governo e pregam a desvalorização cambial pretendem reestabelecer a concentração de renda vigente na década de 70 com a política de substituição de importações.

Essa política se sustentou num modelo dirigista e autárquico alimentado com inflação, protecionismo e desvalorizações sucessivas que punham o povo sem condições de se defender no *overnight*. Os nostálgicos do Brasil *overnight* querem evitar a rude adaptação à economia de mercado e inserida na globalização.

Por isso espalham que estabilização é incompatível com crescimento econômico e que a melhor maneira de promover exportações é aumentar a receita dos exportadores mediante desvalorização do câmbio, e não pela redução do custo do exportador e pelo aumento da competitividade, como pede um crescimento sustentável.

A reação de São Paulo se explica pela descentralização industrial provocada pelas vantagens comparativas de outros estados e pela perda de competitividade das indústrias do ABCD. A criação do Ministério do Desenvolvimento teria sabor de revanche paulista: uma Gosplan geiselista destinada a se contrapor à austeridade do ministro Malan.

Por isso os empresários que combatem a política econômica precisam dizer claramente se estão, ou não, contra o governo. Ninguém, principalmente o governo, pode estar contente com os juros altos. Afinal, eles se voltam como bumerangue contra as contas do setor público, altamente endividado. Mas é exatamente o contínuo endividamento do setor público, originado da compulsão do Estado para gastar mais do que arrecada, a origem do problema.

Como o país adotou, no Plano Real, um modelo de financiamento da economia muito dependente do capital internacional, qualquer abalo externo expõe o país aos humores dos mercados financeiros, como ocorreu nas crises do México (95), asiática (97) e da Rússia (98). Mas, é preciso que se diga: a desconfiança internacional em relação ao Brasil só aumentou

dramaticamente depois do calote russo porque os fundamentos macroeconômicos foram julgados inconsistentes.

Um país com déficit nominal nas contas do setor público equivalente a 8% do Produto Interno Bruto e um déficit de transações correntes superior a 4% do PIB não pode se considerar sólido no mundo globalizado. A criação do euro, a moeda única européia, definiu como déficit máximo tolerável a taxa de 3% do PIB.

A saída é o Brasil promover duro ajuste fiscal para melhorar as contas públicas e o déficit externo, e recriar as condições de crescimento auto-sustentado. A insistência dos empresários em baixar os juros antes que o Congresso tenha aprovado pouco mais da metade das medidas destinadas a garantir o ajuste fiscal é um salto no escuro.

O que querem os empresários que se reuniram sob a sigla do IEDI - o Instituto Econômico de Desenvolvimento Industrial? Os nomes reunidos em torno da sigla pareciam indicar uma reunião dos empresários saudosos do protecionismo estatal do governo Geisel, quando foram desenvolvidos os projetos de substituição de importações.

Por meio do BNDES, o governo não apenas escolheu os grupos empresariais que iriam tocar os projetos, como deu-lhes crédito subsidiado (correção monetária tabelada em 20% ao ano, com a diferença bancada pelo Tesouro) e reserva de mercado: encomendas para os megaprojetos estatais e altas tarifas para impedir a concorrência estrangeira.

Os donos desses empreendimentos, de capital intensivo, não estavam comprometidos com a abertura do capital de suas empresas nem com a expansão do mercado interno, mediante a melhoria da distribuição de renda. Os órfãos do Estado nunca se preocuparam com a economia de mercado no país.

Tais projetos artificiais, com preços fora da realidade, contrariaram a lógica do ganho de escala da economia: os empresários ganhavam mais vendendo menos, com altas margens de lucros. O resultado foi a hiperinflação e a maior concentração de renda da história do país. O Brasil não quer voltar a esse passado que não deu certo.